



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA  
RITA

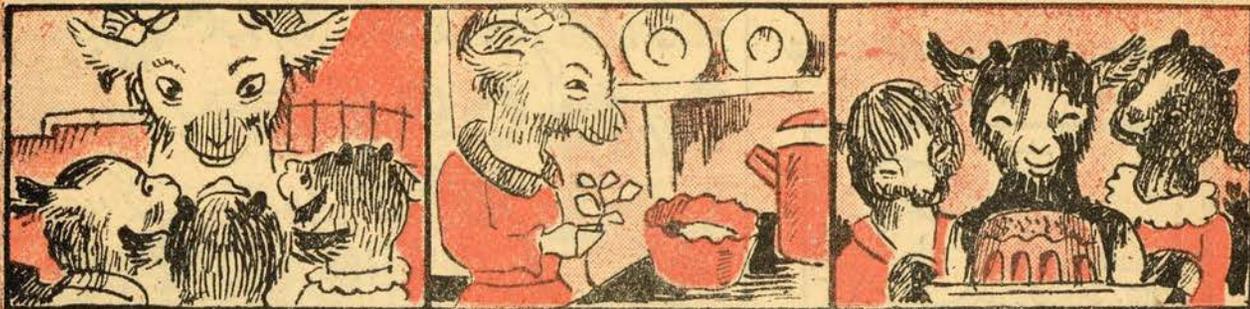
## A RAPOSINHA MATREIRA E OS CABRITINHOS



1 - Cabrinha Mé-mé vivia num curral, cercado dum gradeamento, com seus filhinhos, três cabritinhos estouvados.

2 - Um dia, tendo de ir as compras, com seu cestinho debaixo do braço, a Cabrinha Mé-mé recomendou aos filhinhos que nunca abrissem a portinha gradeada do curral.

3 - Durante a sua ausência, os cabritinhos viram aproximar-se a D. Raposinha-matreira, a qual, dentro em pouco, os convidava para um grande baile infantil!



4 - que ia dar no dia seguinte mas recomendou-lhes que nada dissessem à Mãe, pois que ela se oporia. Porém, quando a Cabrinha voltou, os cabritinhos contaram-lhe tudo.

5 - A Cabrinha Mé-mé, percebendo as intenções da Raposinha, disse-lhes que fossem mas que deveriam levar-lhe de presente, um pudim que ela ia preparar.

6 - E tendo feito um pudim de ortigas, pimenta e cardos, deu-o aos cabritinhos, para lho oferecerem.



7 - A Dona Raposinha-matreira recebe-os efusivamente e, mal vê o pudim, devora-o com sofreguidão, disposta a fazer o mesmo aos cabritinhos.

8 - Mas, sentindo a boca a arder, rebola-se com dores horríveis.

9 - Então, a Cabrinha Mé-mé, que havia seguido os cabritinhos, muito sorridente aparece, a fim-de acompanhar os filhinhos a casa, sãos e salvos!

# CHARADAS

## EM FRASE

- 1—Esta *jôlha* baloiçando ao vento produz uma *melopeia* mas representa um *castigo*.—2-3
- 2—*Conhece* bem esta nota de música a cantora que gargalhava o trecho de ópera com muita *ciência*.—2-1-2
- 3—Esta imagem *sagrada* tem o *queizo* adequado ao *acto religioso*.—2-2
- 4—Esta *terra portuguesa*, sôbre o *Oceano*, tem um lindo *mirante sôbre o mar*.—2-1
- 5—Os *habitantes d'êste País* são duma *actividade* característica desta localidade.—2-2

## CHARADAS COMBINADAS

- |                   |              |
|-------------------|--------------|
| + mo = Nome       | + ra = Nome  |
| + ma = Casmurrice | + ro = Canto |
| + mo = Bouquet    | + ma = Lodo  |

- |                 |
|-----------------|
| + la = Fila     |
| + la = Anteparo |
| + la = Ave      |

Conceitos: Utensilios de estudo

# ANEDOTA

A mãe econômica.  
 —«Meu filho, fazes o favor de não andar a saltar e a correr, que estragas as botas novas.»  
 O pequeno sentou-se, e a mãe torna a ralhar-lhe:  
 —«Mau! agora estás sentado, que é para dares cabo das calças. Nunca vi um rapaz assim!»

# A DIVINHA



Meus meninos:—Vejam se descobrem quem pesca este peixe.

# ANEDOTA HIEROGLIFICA

## CARTA HIEROGLIFICA Solução no numero anterior.

Três amigos conversam num café:  
 —Eu—diz um dos presentes—conheci um homem tão sovina que, ao escrever, só destapava o tinteiro para molhar a caneta, tornando a tapá-lo para a tinta não se evaporar.  
 —Isso não é nada—afirma outro—tive um criado que parava o relógio, de noite, para não gastar os ponteiros:  
 Diz, então, o terceiro—Eu sei dum velho tão avarento que não lê os jornais nem os livros, que lhe dão, só para não gaster os óculos.

# O CONTO DA PÁSCOA

POR MANUEL FERREIRA

**S**ENTADA junto do fogão que dava à sala um calor agradável, a tia Helena, que regressara há pouco de longes terras, embevecia o Necas e a Leonor.

Enquanto ouviam a boa senhora, os pequenos esqueciam as suas habituais traquinices. Pareciam outros!

O que ela lhes contara já, santo Deus! Visitara muitos países e informara-se das lendas, tradições e costumes das terras que percorrera.

Depois de jantar, antes de irem para as suas caminhas, os pequenos extasiavam-se com o que a boa senhora lhes contava.

Nessa noite, D. Helena, jubilosa, começou:

— «Em Roma, fui a uma biblioteca muito notável. E calculem o que eu lá fui encontrar?»

— «Não, não sabemos. Algum livro, algum quadro bonito?...» — respondeu o Necas que, a-pesar da sua pouca idade, era muito apreciador das artes.

— «Isso sim. Encontrei uma carta.»

— «Uma carta?» — perguntou, incrédula, Leonor.

— «Sim, uma carta escrita pelo romano Públio Lentula, governador da Judeia, acerca de Nosso Senhor Jesus Cristo...»

— «Ah! — disseram os pequenos, surpresos — Conte, tia, conte...»

A boa senhora tirou duma pequena gaveta um papel e disse:

— «Calculem lá que eu, tão longe, não me esqueci dos meus meninos.

Copiei a carta. Começa assim...»

— «A quem é dirigida?» — interrompeu o Necas.

— «Ao César romano. Ouçam:

«Soube, ó César, que desejavas informações acerca dêsse homem virtuoso, que se chama Jesus Cristo, o qual é tido pelo povo como um profeta...»

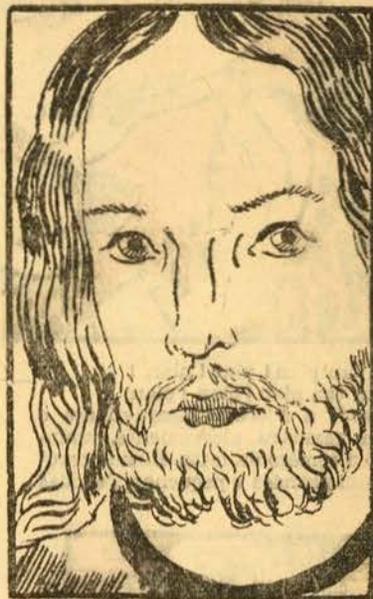
— «O que é um profeta?» — perguntou a pequenita.

— «É o homem que adivinha o futuro.» — explicou D. Helena.

E continuou:

... «e pelos discípulos dêle, como sendo o filho de Deus, criador do Céu e da Terra. Declaro-te, César, que todos os dias se ouve contar dele coisas maravilhosas. Em poucas palavras: Ele ressuscita os mortos e cura os enfermos.

«É homem de mediana estatura e a sua fisionomia revela meiguice e, ao mesmo tempo, tal dignidade que, ao olhar-se para Ele, cada qual se sente obrigado a amá-lo e a temê-lo ao mesmo tempo. O seu cabelo, até à altura das orelhas, é da cor das searas, quando maduras, e, daí até aos ombros, é



ouro muito claro e brilhante! Tem-o apartado ao meio por um risco, ao uso dos nazarenos.»

Necas e Leonor ouviam, interessados, a leitura da tia. Esta continuava:

«A barba é da cor do cabelo, crespa, não muito longa e também dividida ou seja apartada ao meio. Os olhos parecem os raios do sol e ninguém pode encará-lo de frente; quando faz censuras, inspira receio mas, em seguida, chora; até no seu rigor é afável e benévolo!

«Dizem que nunca o viram rir e antes chora frequentes vezes. As mãos e os braços são duma grande beleza. Toda a gente acha a sua conversação muito agradável e sedutora.»

— «Devia ser — observou Leonor. — Por isso conseguiu converter muita gente e ter muitos apóstolos.»

«É raro vê-lo em público mas quando aparece é sempre com grande modéstia. O seu porte é muito distinto. É muito bonito e a Mãe dele é a mulher mais formosa que, até hoje, apareceu nesta terra...»

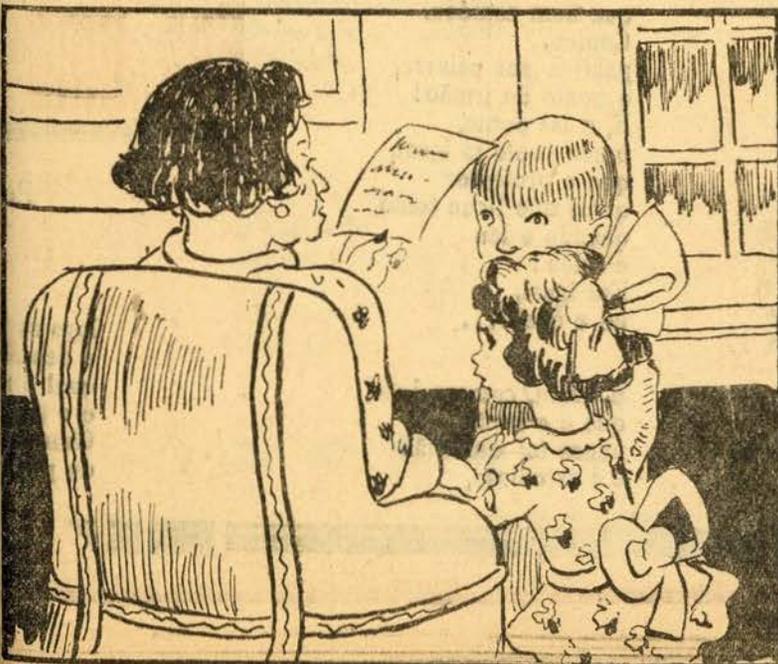
— «Era Nossa Senhora...» — interrompeu o Necas.

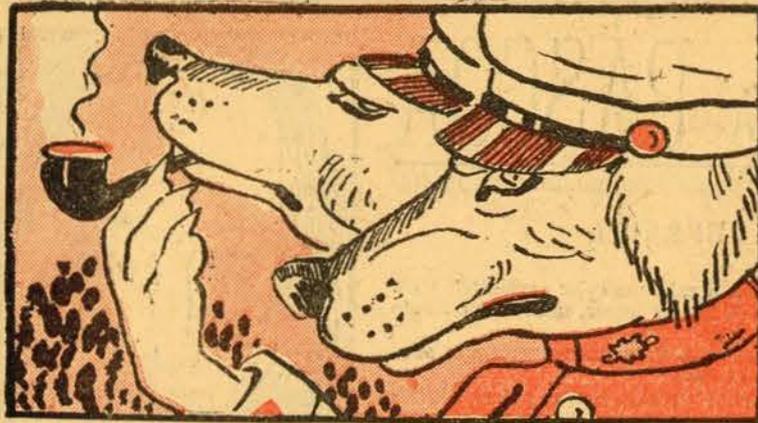
«Se o queres conhecer, como mandaste dizer na tua carta, eu enviá-lo-ei aí. A-pesar-de nunca ter estudado, conhece todas as ciências. Anda com a cabeça descoberta e quasi descalço. Muitas pessoas, quando o vêem ao longe, riem-se dele, mas, quando se aproximam e estão na sua frente, então tremem e admiram-no!»

A tia Helena finalizou a leitura e perguntou:

— «Então, gostaram do contoquinho de hoje?»

— «Oh! se gostámos. Assim, conhecemos melhor a beleza e a bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Quem nos dera viver nesse tempo, para receber a sua bênção.» — retorquiu Necas, entusiasmado.





RAN tan plan! plan! plan!  
Ran tan plan! plan! plan!  
Através a Floresta Maravilhosa o tambor ressoava alegremente, anunciando o começo da festa. Bichos grandes, semi-grandes e pequenos, de todas



as cores e feitios, corriam apressados para a Clareira-Mór da Floresta, no fito de alcançarem melhor lugar. E compreendia-se a ansiedade da bicharada!... A festa prometia ser

estupenda!... O programa, cuidadosamente escolhido era soberbo!...  
Ran tan plan!... Plan! Plan!...  
Ran tan plan!... Plan! Plan!...  
O palco fôra armado junto ao Castanheiro Velho. Fazia um vistão, todo florido e engalanado!

A bicharada, sem distinção de raças, comprimia-se no espaço reservado aos espectadores. De vez em quando lá se ouvia um grito:

—«Ai que me pisaram a cauda!...»  
Ou então:

—«Ó da guarda!... Roubaram-me uma banana!...»

Mas aquilo não tinha importância!... Acudia logo a guarda florestal —dois valentes cães da Serra da Estrêla, com um colar guarnecido de bicos de ferro— e o berreiro cessava.

Acomodada, bem ou mal, toda a bicharada, um enorme sino se fez ouvir:

—«Tlão!... Tlão!... Tlão!...»

E logo surgiu no palco o organizador da festa, o senhor Periquito.

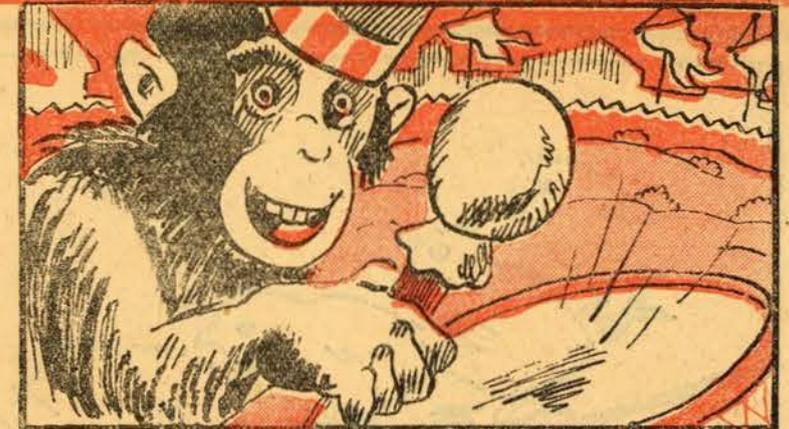
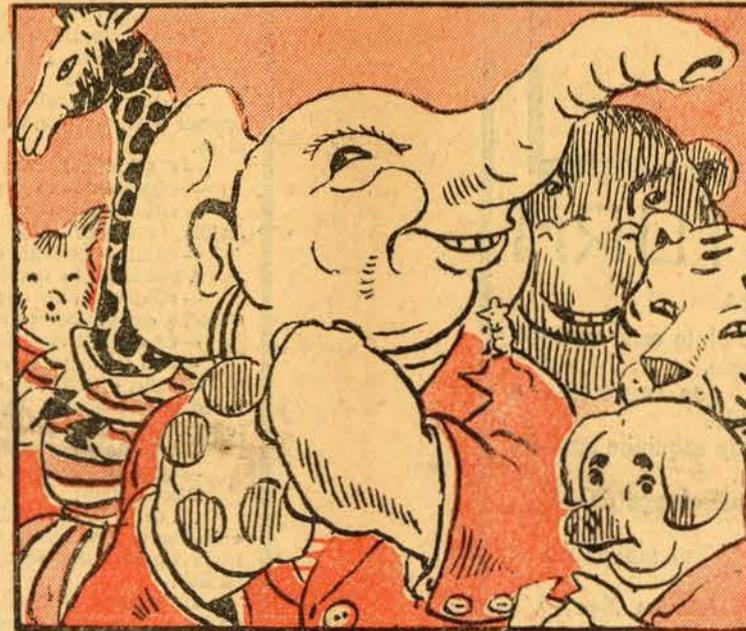
Uma grande salva de palmas o acolheu. E o senhor Periquito começou assim o seu discurso:

# UMA FESTA ESTUPENDA NA FLORESTA

Por LEONOR DE CAMPOS

Senhoras Bicharôcas, senhores Bicharôcos e meninos Bicharoquinhos: Em primeiro lugar cumpre-me agradecer a vossas bichezas a honra da vossa ilustre presença...

—...«Por quem é!... A honra é toda nossa!...» —interrompeu o Mico, muito garoto.  
—«Ah!... Ah!... Ah!... —riu a assistência...



—«Shiu! Silêncio!...» —ladraram os guardas.

E, de novo tudo silencioso, o Periquito continuou, muito atrapalhado:

—«... Sim... a presença... porque... como ia dizendo... quero dizer... como já disse... o que eu digo...»

—«Muito bem! Muito bem!...» —gritou uma grande parte da bicharada. E logo desatou tudo a dar palmas e a berrar:

—«Viva o Periquito!... Viva... a... a...»

Em vista de manifestação tão entusiástica, o Periquito resolveu acabar ali mesmo o seu discurso. Fez algumas vénias, à esquerda e à direita, e retirou-se para bastidores:

Surgiu, depois, no palco, o senhor Pulgão. Cumprimentou a assistência e falou assim:

—«Tenho a honra de apresentar a Vossas Bichezas, as minhas filhas Pulguinhas, ilustres artistas da troupe Pulguinhas e Companhia...»

E, fazendo sinal para dentro, afastou-se um pouco, para dar lugar às filhas... As meninas Pulguinhas começaram a entrar. Entrou uma, depois

outra e mais outra e outra ainda e ainda mais e nunca mais acabavam...

—«Basta! Basta!...» —gritaram alguns espectadores.

—«E essas pulgas são todas do mesmo cão?» —indagou uma voz trocista.



Logo os guardas, de dentuças arreganhadas, desataram a ladrar.

—«Ao! Ao! Ao!... Quem foi o engraxado?»

(Continua na página 7)

O professor, em certa ocasião, marcara um ponto escrito, ao Carlitos e ao irmão, sobre o assunto: —«O meu cão.» Então, Carlitos, aflito, sem saber o que fazer e temendo algum engano, o manhoso pediu ao mano, que é estudioso a valer, p'ra lhe ensinar a fazer o exercício.

E é tal o vício do mandrião,

que nem estudou. Copiou, palavra por palavra, o ponto do irmão! E, a tal ponto, o seu ponto ia igual, que o professor quasi que ficou tonto quando o leu e releu! Era igual, tal e qual!...

E, claro, como o João, que é o irmão, nunca foi mandrião e é estudioso,

## Era uma vez um cão...

Por ANIBAL NAZARE

logo se viu e descobriu qual o manhoso e o preguiçoso... Chamado ao pé da mesa do professor,

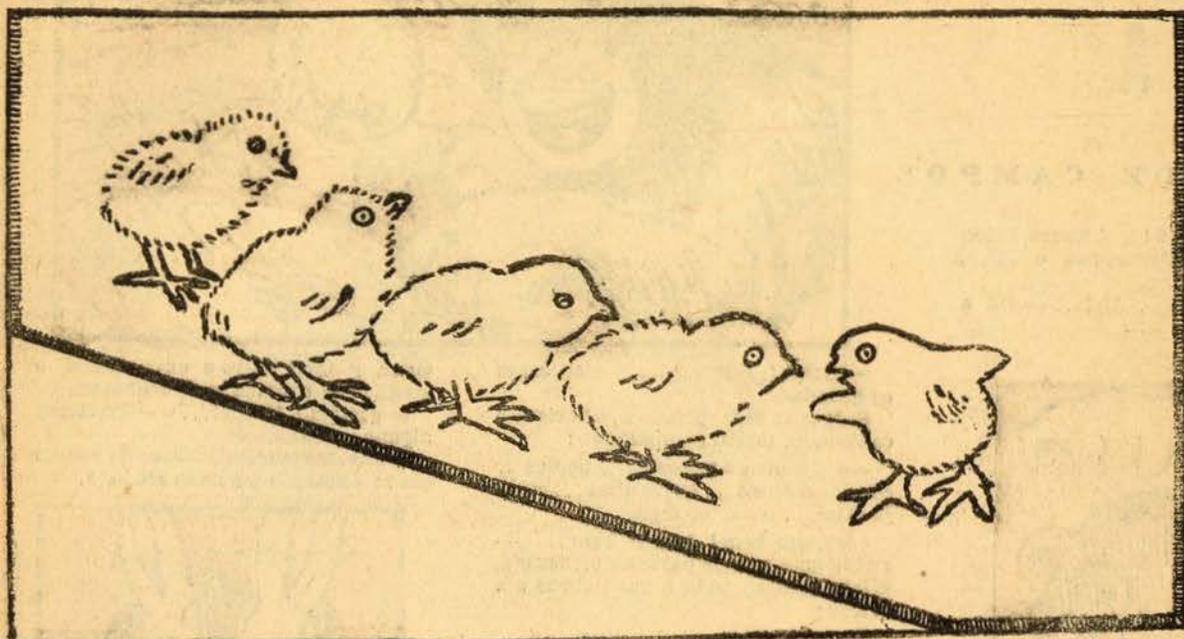
o Carlitos, sem firmeza, pôs-se muito encarnado, afogueado, cheio de calor!

E quando este lhe diz: — Escuta, petiz! O exercício que me entregaste, sobre «O meu cão», é tal e qual, igual, igual,

ao do João! Vê, meu rapaz, que explicação é que me dás, p'ra eu pensar depois...

E o Carlitos com modos muitos aflitos! — E' que... o meu cão e o do João é de nós dois! E'... o mesmo cão!...





# O CESTINHO DA COSTURA

SECÇÃO PARA NENINAS — Por ABELHA MESTRA

*Maria Isabel:*

Qui-qui-riqui, qui-qui-riqui...  
Pia, pia de mansinho,  
Pia, pia o pintaíno:  
Qui-qui-riqui, qui-qui-riqui!

Coube, hoje, a vez de satisfazer o teu pedido e, assim, a tens uma interessante enfiada de pintaínhos pequeninos, mi-

mosos e amarelinhos, um verdadeiro encanto para bordar neste saquinho.

Mas... que digo eu?  
Todos amarelinhos, não.

Esse último, o que está com um ar tão aflito a piar, esse, de preto é que tu o irás bordar.

Empregas o ponto de cadeia, começando pelo contôrno e continuando, sempre, o bor-

gado, até o pinto estar completamente cheio.

O traço, que representa o chão, é verde.

O picot do saquinho também é dessa côr.

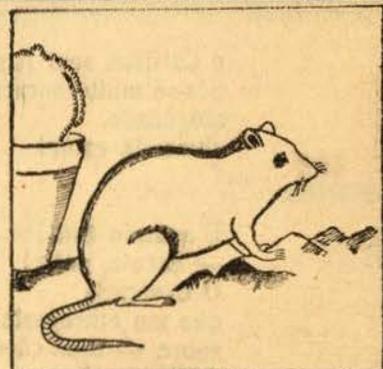
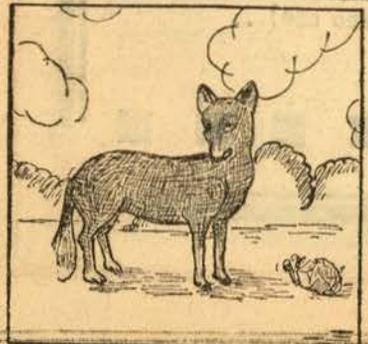
Recebe um abraço da

Tua amiguinha

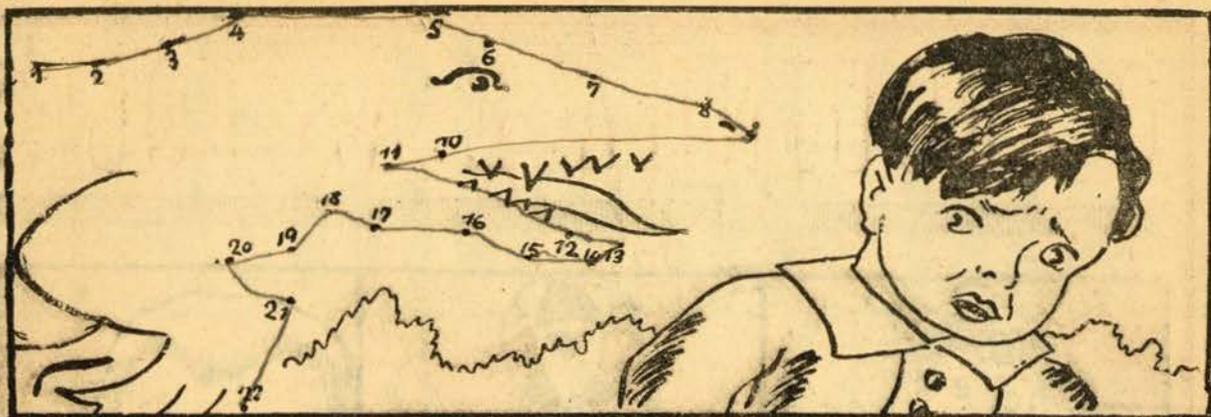
ABELHA MESTRA

## CONCURSO DOS BICHOS

A fim de valorizarmos as cadernetas dos nossos amiguinhos correntes, resolvemos aumentar o número de desenhos representativos dos bichos que figurarão no grande Concurso, até ao fim do corrente mês, data em que êle terminará.



# A DIVINHA-PROBLEMA



Meus meninos: — Vejam se descobrem, unindo os pontos com um tracejado, de que bicho foje este menino

gado? Vai já para a cadeia!... Ao!... Ao! Ao!...

Mas, como ninguém se descobriu; os guardas acalmaram e as Pulguinhas puderam começar o seu número. O senhor Pulgão tornou a aparecer à boca da cena e disse:

— «As ilustres Pulguinhas, minhas filhas, vão cantar e dançar o fandango...»

E as pulguinhas principiaram:

As manas Pulguinhas  
 Dansam o fandango  
 Alegre, animado,  
 Mais lindo que o tango  
 Trá lá lá  
 Trá lá lá  
 Moda como esta,  
 Ai não há! não há!...

— «Oh marido! — gritou a Cegonha, muito espevitada, dirigindo-se ao senhor Cegonha. — Dá cá o binóculo, para ver as artistas...»

— «Schiu! Schiu!... Cale o bico!...» — ordenou um dos guardas.

E as Pulguinhas continuaram:

A saltitarem  
 Dum pr'a outro lado.  
 Dansam o fandango  
 Que é melhor que o fado!...  
 Trá lá lá lá  
 Trá lá lá  
 Moda como esta,  
 Ai não há! não há!...

— «Bravo!... Bravo!...» — gritou a assistência, entusiasmada, aplaudindo com frenezí.

E as pulguinhas, depois de agradecerem os aplausos, retiraram-se, acompanhadas pelo papá Pulgão.

Apareceu depois a distinta recitadista dona Coelha Contelha. Ouviram-se muitas palmas. E logo a dona Coelha exclamou:

## ONDE ESTAS, FELICIDADE?

VERSOS DO GRANDE POETA LEBROIDE PALERMOIDE

Encontraram-se na rua o gatinho e a gatinha.

## Uma festa estupenda na floresta

(Continuação da página 5)

Ele, amável, forte e terno. Ela, meiga, bonitinha.

Com lambedelas e mios de ternura e afeição, juraram ser sempre amigos, como nessa ocasião.

Casaram. Infelizmente, pouco durou o consórcio!... Porque, tão mal se entendiam que pediram o divórcio!...

E hoje chora a gatinha, chora o gatinho também a felicidade perdida!... Podiam viver tão bem!...

Mas o destino cruel Quebrou-l' es os corações.... Adeus, vida alegre e boa!... Adeus, lindas ilusões!...

— «Muito bem! Muito bem!...» — exclamaram alguns espectadores, a baterem palmas com todo o calor.

Mas a maior parte estava tão comovida que só ao fim de algum tempo, pôde recuperar a serenidade.

— «Ai, compadre! — exclamou a senhora Perúa, arrancando uma pena ao Pinto caquedo. — Que versos tão lindos, tão sentimentais!... E ela recita-os tão bem!...»

— «E' verdade que sim! — respondeu ele. — Mas lá por isso, não há necessidade da senhora comadre se deparar!...»

Entretanto a senhora Coelha Contelha agradecia as palmas, atirando beijos a assistência.

Era chegado agora o último número da festa. Veio aduná-lo o senhor Periquito:

— «Atenção!... Atenção!...»

Vão ter o prazer de ver e ouvir o Bailarico da Floresta pelo cantador Grilo Gri Gri, dançado pela Grande Companhia das Borboletas Vermelhas...»

E apareceu no palco o célebre cantador, seguida pelas bailarinas. Recebidos com extraordinários aplausos, enquanto as Borboletas formaram roda, Grilo Gri Gri principiou a cantar:

Oh que lindo bailarico  
 Pr'a cantar e pr'a dançar!...  
 Siga a roda, siga a roda!...  
 Cada qual tome o seu par!...

Cada qual tome o seu par  
 Asa e asa; bico e bico...  
 Tudo canta, tudo salta,  
 Tudo baila o bailarico!...

O entusiasmo atingiu o rubro!... Todos os espectadores aclamaram delirantemente os artistas.

— «Bis!... Bis!...» — pediram alguns.

— «Bis!... Bis!...» — repetiram todos.

E Grilo Gri Gri torrou a cantar:

Oh que lindo bailarico  
 Pr'a cantar e pr'a dançar!...

— Mas nesta altura, talvez comovido pelos aplausos, o cantador foi atacado por soluços. Os soluços eram tantos e tão fortes, que quasi o impediram de cantar. Mas não desistiu. Com soluços e tudo, continuou:

...Siga a roda... siga a roda...  
 Cada qual... tome o seu... par!...

Cada qual... tome o... seu par  
 Asa e... asa... bico e... bico...  
 Tudo... canta!... Tudo... salta!...  
 Tudo... baila o... bailarico!...

Ninguém estranhou os soluços do cantador. Todos supuzeram que aquilo fazia parte do programa e mais ainda se entusiasmaram.

— «Que moda engraçada!... Nunca se viu nada mais patusco!...» — roncava o Elefante, a rir, a rir como um louquinho, enquanto o resto da assistência aplaudia, rindo também.

E pouco depois a bicharada dispersava no meio de vivas e gargalhadas!...

— «Vivam os artistas da floresta!... Vivam... am!...»

# O ZEQUINHA E AS FOCAS



I — Zéquinha tem uma tia, não avarenta a sujeita, que toda a gente diz: — é uma foca perfeita.



II — No Coliseu, certo dia, Zéquinha viu uma foca equilibrando na boca uma bola, com mestria.



III — Mal a festa terminou, na noite daquele dia, Zéquinha pede ao avô que o leve a casa da tia.



VI — E ao chegar lá, diz Zéquinha: — «Tia, faça como a foca, equilibre esta bolinha em cima da sua boca.»



V — «Mas, minha cabeça louca, — (volve a tia com espanto) — eu cá não sou uma foca!» Torna o Zéquinha, entretanto;

VI — «Ah isso é, tia Emília, pois tenho ouvido dizer, a toda a nossa família, que a tia é foca a valer.»